



Bartolomeu Campos Queirós: "A literatura permite vários entendimentos e acolhe a todos. É um texto aberto"



Marina Colassanti: "Hoje, todos sabemos que nem a internet nem o e-book acabarão com o livro"



Paulo Franchetti: "A leitura não se faz no vácuo. Ela é um dos indicadores da qualidade de vida"

Jornal da Unicamp – Pesquisa nacional feita com pessoas de 15 a 64 anos, pelo Instituto Ação Educativa/Ibope, aponta que apenas 25% dos brasileiros têm "habilidades mais refinadas" para ler um texto e compreendê-lo. Como enfrentar essa distorção?

Bartolomeu Campos Queirós – Desconheço o tipo de texto usado pela pesquisa Ação Educativa/Ibope. Num texto didático ou informativo existe uma possibilidade de avaliação mais objetiva. É que todos leitores devem chegar a um mesmo nível de entendimento. Ele é um texto convergente. Se o texto é literário, ele busca a divergência. Cada leitor tem uma possibilidade de participação. A literatura permite vários entendimentos e acolhe a todos. É um texto aberto. Ele abre portas mas o leitor inscreve a sua paisagem.

Marina Colassanti – Bem antes dos 15 anos, com certeza – hoje sabemos, cientificamente, que aos 2 anos de idade o ser humano atinge o seu potencial máximo de aprendizado – e através da leitura. Não apenas leitura como ferramenta rudimentar destinada mais a arrancar o indivíduo das estatísticas de analfabetismo do que a fazer dele um cidadão capacitado. Mas leitura como formador do sentido mais amplo, leitura que não se limita a qualquer texto informativo, leitura que se exerce na literatura.

Evidentemente, isso incide na formação dos professores, na orientação do ensino, e no próprio conceito de função da escola. Mas tem a ver também com a precariedade e insuficiência das bibliotecas públicas e escolares, a dificuldade de acesso ao livro, a falta de valor que o país como um todo e os governantes em particular atribuem à leitura.

Paulo Franchetti – Não sei exatamente o que significam essas "habilidades mais refinadas", de modo que é difícil falar sobre o que poderia representar esse percentual. É também preciso entender que "texto" é uma palavra que recobre uma enorme extensão. Uma sentença judicial é um texto; uma notícia esportiva também é um texto; e, claro, um romance ou um poema, também. Por certo, muito mais gente conseguirá ler "refinadamente" uma notícia esportiva, pelo

LENDO A LEITURA

A Unicamp sedia, entre os dias 5 e 8 de julho, o 15º Congresso de Leitura (Cole), evento mais importante da área de educação realizado no país. O congresso, que reunirá especialistas do Brasil e do exterior, terá 15 seminários, conferências (confira a programação na página 7), além da apresentação de 1,4 mil trabalhos. Serão debatidos temas como educação de jovens e adultos; linguagens na educação infantil; leitura e escrita em sociedades indígenas; mídia, educação e leitura; letramento e alfabetização; práticas de leitura, gênero e exclusão; e literatura infantil e juvenil, dentre outros. Paralelamente, ocorre no Ginásio Multidisciplinar da Unicamp a 6ª Feira de Leitura e Artes, que reunirá 50 expositores de livros, entre distribuidores e editoras renomadas, e 10 estandes de artesanato. Haverá também atividades culturais, entre as quais oficinas de gravura oferecidas por professores do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da Unicamp. O Cole é organizado pela Associação de Leitura do Brasil (ALB), Faculdade de Educação da Unicamp (FE), Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (Preac), Secretaria Municipal da Educação e PUC-Campinas. "O tema leitura não passa somente pela transformação das pessoas, mas também pela transformação social. Buscamos o acesso à leitura, aos bens da cultura e aos lugares onde os objetos da cultura circulam, para minimizar as desigualdades", afirma Norma Sandra de Almeida Ferreira, uma das organizadoras do evento e diretora da Associação de Leitura do Brasil (ALB). Nesta e nas duas próximas páginas, os escritores Bartolomeu Campos Queirós e Marina Colassanti, respectivamente conferencistas da abertura e do encerramento do Congresso, e Paulo Franchetti, escritor e professor do Instituto de Estudos de Linguagem (IEL), falam sobre a leitura no Brasil.

interesse que desperta e por o leitor saber do que se trata e ter informação prévia, do que um texto de crônica ou uma reportagem sobre a situação da economia mundial.

A leitura não se faz no vácuo. Ela é um dos indicadores da qualidade de vida. Assim, considerando as condições do ensino e, principalmente, as condições de vida da enorme maioria da população brasileira, se é verdade que 25% dos brasileiros têm habilidades mais refinadas de leitura, estamos diante de um fato a ser comemorado, pois terá de ser bastante maior a porcentagem dos que teriam habilidades razoáveis de leitura...

JU – Apesar disso, o mercado editorial nacional experimenta um crescimento sem precedentes: o país ocupa hoje o oitavo lugar em produção de livros no ranking mundial, o que não significa, de acordo com especialistas, que o brasileiro está lendo mais. Como explicar esse paradoxo?

Bartolomeu Campos Queirós – Quero sempre acreditar que o brasileiro está lendo mais. Os processos educacionais têm reconhecido a importância da literatura na formação do aluno para a construção de uma sociedade melhor. Daí o aumento das bibliote-

cas escolares e dos vários movimentos de divulgação da leitura. A excelência das bienais e feiras de Livros, a extensão dos seminários do Proler, o trabalho constante da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, os esforços do Fome de Livro e a existência do Cole, indicam a preocupação dos vários segmentos com a formação do leitor. É preciso reconhecer que a escola não é a única responsável pelo trabalho de leitura. Toda a comunidade deve estar envolvida.

Marina Colassanti – Poderíamos dizer que o brasileiro está lendo pior. Ou seja, está lendo um nú-

mero considerável de livros absolutamente lineares, de texto elementar, ao alcance de qualquer pessoa minimamente letrada. Mas para afirmar isso necessitaríamos de dados, precisaríamos saber exatamente a qualidade do que se edita e quanto se consome de cada faixa.

Sem dúvida, porém, podemos afirmar que boa parte do crescimento se deve às compras governamentais executadas para distribuição gratuita nas escolas. Além das compras costumeiras, tivemos nos últimos anos o programa "Um Livro Em Sua Casa" – acho que o nome é esse –, dando coleções de cinco livrinhos de presente para as crianças, e criando demanda para a publicação de muitos milhões de livros.

Paulo Franchetti – Eu não concordo com a afirmação de que o brasileiro não leia mais hoje. De novo, parece-me uma questão de ponto de vista. O brasileiro de hoje não lê mais do que o brasileiro de há 100 anos? Há 120 anos, o Brasil era uma nação escravista. Quem são os brasileiros que entram nas estatísticas? Talvez seja possível dizer que a classe média alta e a classe alta de hoje leiam menos do que há 50 anos. Ou que a média de leitura das pessoas alfabetizadas caiu nos últimos 20 anos. Mas a leitura hoje me parece muito mais difundida do que sempre foi neste país: o mercado do livro espiritual, por exemplo, alimenta milhões de leitores neste país; também o mercado de livros de auto-ajuda. A produção de revistas nunca foi tão grande. E nunca houve, no país, um mercado tão florescente de livros técnicos e didáticos, nem a educação de nível superior, de boa ou má qualidade, esteve ao alcance ou foi exigida de parcelas tão expressivas da população. De modo que não vejo nenhum paradoxo.

Não tenho acompanhado a discussão especializada, mas do pouco que vejo, creio que os dados são trabalhados com muitos implícitos que dificultam o raciocínio. Se quer entender a pergunta: o brasileiro está lendo mais? Só é possível responder acrescentando o objeto do verbo: o brasileiro está lendo mais romances? O brasileiro está lendo mais livros didáticos? O brasileiro está lendo mais livros, em geral, independente do escopo? Mais jornal, mais revistas semanais? Sem essa precisão, é difícil saber sobre o que estamos falando.